

## **Resenha**

### **Um olhar sobre a atemporalidade dos descumprimentos de direitos fundamentais: um diálogo a partir da obra “QUARTO DE DESPEJO: DIARIO DE UMA FAVELADA”**

Bernardo Gomes Barbosa Nogueira<sup>1</sup>  
Samuel Mascarenhas Barros Gusmão<sup>2</sup>  
Joana Paula Ataíde<sup>3</sup>

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 2004.

Esta resenha crítica, tem como principal objetivo fazer uma breve análise da presente obra literária, tendo como metodologia uma análise a respeito do contexto histórico em que a obra está inserida, após, a partir de categorias epistemológicas do movimento direito e literatura presentes no livro, construir, transcendendo a obra, outras perceptivas de compreensão, crítica e reflexões acerca do histórico político-jurídico-social do país.

Após essa breve introdução a respeito do método e objetivo usado na produção do presente texto, é de suma relevância evidenciar a história da autora, assim como, o contexto social em que essa está inserida, isso se dá para que haja melhor compreensão do exposto na obra e sua relação com o momento vivido e com a contemporaneidade

Carolina Maria de Jesus ficou conhecida no período de 1960 após escrever e publicar seu diário, tendo como título “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”. A obra conta suas vivências e labutas como mãe solteira, mulher negra e periférica. Ainda é possível destacar os preconceitos e a marginalização sofrida por ser negra e moradora de periferia, a obra também aponta o abandono por parte do estado,

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE) – Governador Valadares/MG. Doutor em Teoria do Direito pela PUC/MG. Mestre em Ciências Jurídico Filosóficas pela Faculdade de Direito de Coimbra. Coordenador do projeto de pesquisa: “Direito, literatura e reinvenções simbólicas do território: diálogos em tempos neoliberais”. E-mail: bernardogbn@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Graduando em Direito pela UNIVALE. Bolsista do projeto de pesquisa e iniciação científica: “Direito, literatura e reinvenções simbólicas do território: diálogos em tempos neoliberais”. E-mail: samuel.gusmao@univale.br

<sup>3</sup> Graduada em Letras-Português. Mestranda pela UNIVALE em Gestão Integrada do Território. Integrante do projeto de pesquisa: “Direito, Literatura e reinvenções simbólicas do território: diálogos em tempos neoliberais”. E-mail: joana.ataide@univale.br

explicitando inúmeros direitos presentes na nossa Carta Magna violados. Tais direitos garantidos e adquiridos por meio de lutas históricas, mas que, infelizmente, inúmeras pessoas não têm acesso, desse modo, vivem uma sub-cidadania na sociedade capitalista, sendo oprimidas pelo espírito neoliberal. Assim, Jéssica Souza, em seu livro **“A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato”**, faz uma análise a respeito de uma das origens a cerca da desigualdade social e da marginalização da população negra:

Para o negro, sem a oportunidade de competir com chances reais na nova ordem, restavam os interstícios do sistema social: a escória proletária, o ócio dissimulado ou a criminalidade fortuita ou permanente como forma de preservar a dignidade de “homem livre”. Ao perderem a posição de principal agente do trabalho, os negros perderam também qualquer possibilidade de classificação social (SOUZA, 2017, p. 48).

Como mencionado outrora, a obra trata-se do diário escrito por Carolina Maria de Jesus enquanto moradora da favela do Canindé em São Paulo, e a partir dos seus escritos, pode-se tanto compreender a realidade e o abandono estatal sofrido pelos moradores da periferia no passado quanto suas batalhas e sabores que enfrentam na atual sociedade neoliberal. Vale referenciar Dardot e Laval, onde esses trazem o funcionamento da sociedade neoliberal e suas influências nas relações sociais e interpessoais.

O neoliberalismo define certa norma de vida nas sociedades ocidentais e, para além dela, em todas as sociedades que as seguem no caminho da “modernidade”. Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 14)

O nome “Quarto de Despejo” vem de uma metáfora feita pela própria Carolina, na qual a favela é o quarto da despeja da sociedade, local onde as pessoas indesejáveis, os “subcidadãos” se encontram, sendo ignorados pelo Estado e pela sociedade capitalista, onde essas jogam essas pessoas à margem da sociedade, para que assim não participem dos ciclos sociais, e mantenham suas vidas e histórias às escondidas. Dessa maneira, a obra de Carolina é de suma relevância para expor e denunciar as mazelas e chagas sociais vivenciadas por diversas pessoas tanto no passado quanto contemporaneamente, onde desde a invasão e exploração do Brasil, essas pessoas são esquecidas em seus direitos fundamentais.

Pode-se dizer que o próprio livro “Quarto de despejo” viveu em um quarto de despejo, paradoxal, porém por muitos anos a obra ficou “apagada” pelos lampejos das escritas conduzidas pela elite que dominava as tendências literárias. É salutar, apresentar Carolina Maria de Jesus como uma protagonista do seu tempo, desbravadora da escrita e amante da escrita com teor autobiográfico. A escrita para ela tem um papel tanto de exposição das mazelas enfrentadas, como também essa atua em uma espécie de desabafo, onde através de seus escritos Carolina pode registrar suas vivências, as incontáveis lutas presentes em seu cotidiano.

No que tange à obra, Carolina destaca os abusos e preconceitos sofridos, além de enfatizar diversas vezes as violações aos seus direitos basilares, direitos esses encontrados em nossa Carta Magna, tais como acesso a saúde, moradia, educação, alimentação, dentre tantos outros.

Os escritos de Carolina foram produzidos na década de 1960, ou seja, ainda não existia nossa atual Constituição Federal, entretanto, mesmo após a vigência da nova Carta Maior, inúmeros e incontáveis brasileiros têm que lutar para sobreviver tal como na época de produção do livro. Assim resta um questionamento, se essa garantia de direitos descritos em nosso ordenamento jurídico é mesmo atemporal? Visto que ainda hoje uma parcela significativa da população não desfruta de uma alimentação de qualidade, acesso à educação, saúde e moradia, logo questiona-se novamente, ainda há democracia quando mesmo havendo garantias de direitos ditos como fundamentais, ainda existem pessoas vivendo em níveis de subnutrição e sem acesso à um ensino e saúde de qualidade, tendo que lutar diariamente por sua sobrevivência?

Voltando ao enredo da obra, por ser em forma de diário, Carolina conta suas labutas diárias, cada dia enfrentando incontáveis desafios para que garanta a subsistências em seu seio familiar. A autora, mãe de três menores e catadora de papel, dedica-se a narrar na obra seu cotidiano, contando como seu trabalho é árduo quão alta é sua carga horária, possui um trabalho informal e mal remunerado não sendo capaz de atender suas necessidades mais elementares.

Dessa maneira, necessita receber doações e muitas vezes buscar comidas do lixo, entretanto muitas dessas encontram-se estragadas, deixando-a doente, contudo, mesmo doente Carolina tem que se manter trabalhando para que possa sobreviver se mantendo em uma condição escrava do custo de vida, como ela mesma destaca em seu diário.

Segundo a própria autora, ela vive como os corvos, tendo que comer alimentos provenientes do lixo, Carolina destaca que sempre se encontra em falta, seja de alimentos, seja de itens de higiene pessoal e até mesmo momentos de lazer, ao quais também são escassos visto que sempre está trabalhando para que mantenha a subsistência própria e de sua família. No entanto mesmo com o trabalho constante, Carolina não consegue prover a alimentação sua e de seus filhos.

Entre os inúmeros episódios durante o livro, destacamos um que a autora diz “Cheguei na favela os meus meninos estavam roendo um pedaço de pão duro. Pensei: para comer estes pães era preciso que eles tivessem dentes elétricos.” (JESUS, 2004, p. 35)

Carolina mostra ser uma amante da escrita e da leitura, sendo essas, uma das poucas coisas que a dá prazer em seus dias, o eu lírico destaca que por diversas vezes é vítima de racismo e de violência verbal. Além disso, incontáveis vezes seus filhos são vítimas de agressões, a obra mostra que houve episódios em que seus vizinhos chegaram a jogar fezes neles e isso evidencia a precariedade do território vivido por Carolina e seus filhos. Bem como explicita a atemporalidade da ausência de garantias constitucionais de existência no Brasil.

Durante seu diário Carolina manifesta sua crítica ao sistema político-social. No cotidiano da favela, em alguns momentos, durante o período eleitoral, candidatos políticos chegava até lá em busca de votos, assim, organizaram festas, prometeram mudanças na estrutura social, entretanto isso não passa de “O Cavalo De Troia que aparece de quatro em quatro” (JESUS, 2004, p. 37). Segundo palavras de Carolina, essa ida de figuras políticas para a periferia, não passa de uma tentativa de conseguir o que era chamado no passado de “voto de cabresto”, mais uma face que permite perceber que a obra da autora é atemporal, visto que tais práticas continuam até os dias de hoje. Interessante observar, que a época citada por Carolina, era contemplada por um suposto apogeu econômico, o que nunca se materializou de forma democrática, nem tampouco de desenvolvimento social no país.

Carolina faz críticas ao pensamento e sociedade capitalista, onde por diversos momentos denúncia não somente a falta de condições para adquirir os itens basilares para a sobrevivência, como também, efetiva uma denúncia na precificação desses itens quando diz que “os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe.” (JESUS, 2004, p. 37). Outrossim, ela destaca que alimentos que

outrora eram comuns em sua alimentação, hoje não possui acesso a estes, alimentos como o próprio feijão com arroz.

Como dito anteriormente, a obra retrata explicitamente as violações a diversos direitos humanos, além de destacar e denunciar a marginalização sofrida por pessoas negras e periféricas, sendo tratados na sociedade com uma espécie de subcidadania. Um episódio destacado em seu diário se refere ao dia em que encontraram um jovem negro morto, nessa passagem, Carolina faz uma crítica ao dizer que ele foi sepultado como um “Zé” qualquer, e que ninguém se quer procurou saber seu nome, assim termina sua denúncia ao dizer que para a sociedade quem vive as margens, não tem um nome. (JESUS, 2004)

Em seu diário, Carolina mostra que incontáveis vezes se encontra em falta e em uma batalha terrível contra a fome, destacando em todo o enredo que muitas vezes ela e seus filhos não possuem o que comer. E assim, é lamentável dizer que em nossa sociedade atual, inúmeros brasileiros e brasileiras travam a mesma batalha vivida pela autora há mais de 50 anos atrás. Ainda hoje inúmeras “Carolinas” enfrentam jornadas exaustivas, abusivas e um cotidiano caótico para que assim mantenham tanto sua subsistência como também de sua família.

Diante do exposto, por ser uma obra de caráter histórico-documental, se pode compreender os abusos sofridos pelos moradores de comunidades periféricas em todo o Brasil, não somente na década de 1960, como também contemporaneamente, tal afirmativa foi enfatizada durante toda a resenha. Nesse sentido o livro de Carolina é de grande importância para a compreensão das estruturas de dominação presentes na sociedade, visto que para que se realizem mudanças é necessário que se compreenda o período vivido e o contemporâneo mesmo que tão semelhantes.

## REFERÊNCIAS

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.